

37

XXXVII

Aos espiritistas

A importância da vulgarização do Espiritismo evangélico destaca-se, sobremodo, em todos os campos da atividade comum.

Não obstante o avanço científico dos tempos modernos, os cemitérios diariamente recebem vastíssimas contribuições e, na retaguarda dos sepulcros, enfileiram-se os lares vazios e os berços abandonados.

Não sómente a guerra devasta os jardins familiares. O gládio da morte visita os agrupamentos humanos, há muitos milênios, desde a tribo dominadora, que se sentia senhora da montanha e do rio mais próximos de sua taba. A tuberculose, por exemplo, devora milhares de existências por ano. A lepra e o câncer consomem vidas sem conta. E a velha ceifeira de corpos, exigente renovadora das formas, detendo maravilhoso poder de ubiqüidade, comparece nas cidades populosas e nos vilarejos anônimos e tanto espia os bairros de luxo, como os subúrbios infelizes, de onde a higiene se evadiu, em virtude das reiteradas invasões da miséria.

Refere-se o médico à necessidade do sôro e da vitamina que restauram as células cansadas. O sociólogo recomenda medidas que atendam à coletividade. O economista pede o apro-

veitamento do solo e determina a consulta aos mercados internos e externos. O político reclama garantias à organização partidária. O banqueiro examina o câmbio, atenciosamente. O geógrafo preocupa-se pela exatidão da estatística. O jurista bate-se pela aplicação das normas legais. O comerciante pede caminhos novos e empenha-se pela concorrência livre na oferta e na procura. O industrial requisita máquinas. Todavia, se os homens usam, diariamente, o cérebro e o coração, as mãos e os pés, no campo da atividade prática, a morte, igualmente, arrebata-os, todos os dias. No quadro das convenções respeitáveis, porém, não há notícia dos que se consagram aos interesses da criatura, nesse particular.

Os especialistas, em assuntos da espiritualidade, a rigor, seriam os sacerdotes, mas êsses, incorporados às grandes plataformas ritualísticas e econômicas, enviam alguns amigos para o céu da ociosidade e mandam noventa e nove por cento dos defuntos para o inferno dos padecimentos sem fim. Semelhante disparate, contudo, não resolve o problema da dor. Os hospitais continuam cheios de "enfermos de diagnóstico difícil", portadores de nervos relaxados pelo sofrimento; os templos prosseguem repletos de olhares ansiosos que interrogam com desespere, e ultrapassa a lotação dos manicômios, em vista do acréscimo de doentes mentais que perderam o último raio de esperança.

Todos os dias, mães aflitas e noivas angustiadas procuram os cientistas, indagando sobre os que partiram, a caminho do Mistério; contudo, respondem invariavelmente com o clássico

"nada além". Consultados, em referência ao assunto, os filósofos dizem "quem sabe?" E os sacerdotes, chamados a contas, informam que "ninguém voltou".

E' natural que o desalento asfixie as almas. Os expositores da Ciência não se recordam da lei de renovação incessante e não atentam sequer para a humilde lagarta, que se converte em borboleta. Os estudiosos da Filosofia estimam a dança macabra das hipóteses, acima do passo firme no conhecimento positivo, alimentando velhas tricas, desde os antecessores de Sócrates, e, muitas vezes, após devorarem todos os livros e terminarem tôdas as observações possíveis, acabam duvidando se êles próprios existem. Os padres mecanizam as obrigações do culto externo e são estranhos a qualquer investigação transcendente, olvidando que Jesus regressou ao túmulo para esclarecer os discípulos e confortá-los. E se êles, que são os técnicos do serviço religioso, esquecem a Resurreição do Mestre, que aprêço poderiam dar à volta de pobres diabos, como nós outros, que tornamos da noite da morte, tentando acordar os amigos, que não se acautelam ante a grande viagem do Além?

A indiferença, no entanto, jamais solucionou problemas do destino e do ser. E a incompreensão do transe final continua torturando corações sensíveis.

Dizia Conan Doyle, depois de trinta anos, reconhecer que o assunto, com que tanto brincara, não se resumia apenas ao estudo de uma força misteriosa, mas que envolvia o desabar

de muralhas, entre dois mundos, constituindo a mensagem direta do Além para o gênero humano, na época de sua mais viva aflição.

Entretanto, os homens de coragem moral idêntica à do grande escritor inglês são ainda raros. Muito difícil não encontrar alguém que não possua experiência individual na esfera da imortalidade da alma. Todavia, quase todos os chamados a testemunho cedem ao demônio do medo. Não querem perder os louros e considerações do dia que passa.

E' por isso que o esforço dos espiritistas sinceros é profundamente respeitável e sagrado. Felizmente para êles, não possuem altares exteriores, nem garantias materiais. Vencendo dificuldades e tropeços, sobranceiros à ironia do materialismo cômodo de nossa época, seguem, desassombrados, como servidores esparsos de uma vanguarda heróica, que a vulgaridade não vê e nem comprehende. Chegam de tôdas as regiões, surgem de todos os campos sociais, atuam nas línguas mais diversas e levantam, devagarinho, o monumento da vida eterna, vencendo o derradeiro inimigo da Humanidade.

Sacerdotes da realização positiva, adoradores ativos do Mestre Presente, o futuro dirá de vosso serviço generoso, que hoje se desenvolve na obscuridade e no silêncio! Há um Comandante Invisível que vos orienta na longa estrada a percorrer... E' Aquêle que voltou triunfante da morte, há quase dois mil anos, diante do mundo assombrado em Jerusalém.

Afirma um provérbio turco que existem três coisas de que os homens não conseguem escapar — o olhar de Deus, o grito da Consciência e o golpe da Morte. Se os vossos sacrifícios não bastarem, se a tempestade das paixões sufocar temporariamente a semeadura sublime de vosso esforço, conservai o otimismo e a esperança, porque êsses três poderes ocultos falarão por vós, onde passardes!

38

XXXVIII

Questão de provas

Em recente campanha de propaganda do Espiritismo, abriu-se estranha férvura, no arraial materialista, que se julgou na obrigação de defender as muralhas da sombra e da morte.

Porque homens dignos e respeitáveis se colocavam ao lado dos humildes, convertendo-se em advogados da razão e da lógica, os pequenos vândalos do ateísmo surgiram a campo, improvisando conceituação apressada, a favor do negativismo renitente.

Na vida das abelhas laboriosas verificam-se acontecimentos semelhantes. De quando em quando, a colmeia sofre a ameaça de invasores cruéis que se caracterizam pela inutilidade e pelo vampirismo. Se as sentinelas não funcionam e se não há bastante estoque de cera para isolar os detritos na região do esquecimento, é provável que se perca, irremediavelmente, a colheita do mel. Felizmente, porém, as operárias trabalham afanosamente, tocadas de amor e fidelidade ao dever, e os insetos perturbadores passam como a nuvem de gafanhotos, abandonando a colmeia libertada.

As instituições espiritistas dos tempos modernos, à maneira das igrejas apostólicas primitivas, sofrem o assédio da incompreensão sistemática, através das acusações gratuitas